

Sobre a experiência de visita em museus de arte visuais

Adriana Mortara Almeida¹

O ser humano cria e convive com expressões artísticas desde sempre. Os ambientes de criação e convívio com as artes incluem o espaço doméstico, o espaço de trabalho, o ambiente aberto de circulação das pessoas – rural ou urbano - e os locais de encontros e convivência – teatros, escolas, igrejas, templos e museus, entre outros.

O *Museu do Louvre*, um dos primeiros grandes museus de artes visuais, aberto à visitação em 1793, exhibe centenas de obras de arte, organizadas de acordo com os desejos dos curadores e responsáveis pelo museu. Essa proposta de acumular as obras mostrando-as lado a lado e em conjunto com outras obras – construindo relações e dirigindo leituras dos visitantes dos museus – nem sempre é apreciada. Paul Valéry expressou, em 1923, sua angústia e tristeza ao relatar suas emoções ao visitar o museu: causa admiração, mas não é “delicioso”. Espaço autoritário, com regras de comportamento, exhibe as obras numa “fria confusão. Um busto ofuscante aparece entre as pernas de um atleta de bronze. (...) Estou em meio a um tumulto de criaturas congeladas, cada uma exigindo, sem obtê-lo, a inexistência de todas as outras.” (VALÉRY, 2008, p.31). A obrigação de ver as obras criadas em contextos muito variados e colocadas lado a lado no museu faz com que o visitante se torne superficial, pois: “Não importa o quão vasto, equipado e bem ordenado seja o palácio - nos encontramos sempre um pouco perdidos nessas galerias, sozinhos contra tanta arte” (VALÉRY, 2008, p.33).

Entretanto, ver em um mesmo lugar muitas obras de arte pode ser uma grande vantagem para turistas, estudantes e artistas que apreciam uma visita ao *Louvre*. Joan Miró, quando em Paris nos anos 1920, afirmava que ia ao Louvre todos os dias. “Mais tarde, quando fazia o retrato da Sra. Mills, eu ia todas as tardes. Isso me ajudava, por choque ou por oposição”. (SCHNEIDER, 1991)

Paul Cézanne afirma em carta de 1905, ao pintor Émile Bernard, que o “Louvre é o livro onde aprendemos a ler”, mas ressalta que é preciso também sair para “estudar a bela natureza” (CÉZANNE, 1978). O museu de arte apresenta-se como um espaço de deleite, de aprendizagem, onde o visitante pode ter contato com inúmeras obras de artistas de várias origens e épocas. E visões críticas como de Valéry não impediram que o número de museus crescesse, frequentemente, com a justificativa pedagógica de levar a arte à sociedade.

¹ Adriana Mortara Almeida é historiadora. Doutora em Ciência da Informação, tem pós-doutorado em Museologia. É diretora do Museu Histórico do Instituto Butantan (desde 2010) e vice-presidente do ICOM Brasil (2015-2018). Atua nas áreas de educação e estudos de públicos em museus desde 1989 e publicou vários artigos sobre esses temas.

Criados, respectivamente, em 1905 e 1938², a *Pinacoteca do Estado de São Paulo* e o *Museu Nacional de Belas Artes* estão entre os primeiros grandes museus de arte visuais criados no Brasil.

Desde então, o número de museus cresceu e em 2017 foram contabilizados 177 museus de arte entre os 3794 museus mapeados pelo IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2017).

O *Museu Lasar Segall* é um deles: foi criado em 1967 para pesquisar, preservar e divulgar a obra de Lasar Segall, artista lituano radicado no Brasil no século XX. No ano 2000, realizamos uma ampla avaliação de sua exposição de longa duração, “Lasar Segall: Construção e poética de uma obra”, e das ações educativas que a tomaram como objeto com o intuito de oferecer subsídios que pudessem contribuir à formulação de uma nova exposição. Dentre outras ações, observamos as reações dos visitantes ao longo da visita e os entrevistamos à saída da exposição. Com o intuito de avaliar de que modo eles haviam sido impactados pela obra de Segall, perguntávamos aos visitantes: “Quais sentimentos ou sensações a exposição suscitou em você?”. Entre os entrevistados, apenas um disse que a exposição não lhe havia suscitado “nada”. As outras respostas recebidas manifestavam sentimentos diversos como tristeza e melancolia: (“Algumas obras causam tristeza” ou “*Navio de Emigrante* e *Pogrom* são tristes. Ele consegue passar o lado triste e sério da situação ou pessoas”); alegria e paz (“Felicidade, realização plena, vontade de chorar” ou “Paz interior”). A exposição também provocou curiosidade e instigou os visitantes a fazer arte ou aprender mais sobre arte: “Vontade de ter estudado arte um pouco mais”; “Vontade de visitar mais museus e obras. Belezas, perfeição das obras” ou “Vontade de voltar a pintar”. (ALMEIDA, 2001)

A possibilidade de travar contato, em um mesmo espaço, com diversas obras de Lasar Segall provocou emoções e sentimentos díspares. A experiência na exposição de artes visuais apresentada em um museu provocou sentimentos e pensamentos, e vontade de ver e saber mais.

Os museus de arte mantêm sua importância ao proporcionar uma experiência única com a arte.

Referências

ALMEIDA, Adriana M. *Relatório da Avaliação da exposição “Lasar Segall: Construção e poética de uma obra” e sua ação educativa*. São Paulo, 2001.

CÉZANNE, Paul. *Correspondance, recueillie*. annotée et préfacée par John Rewald. Editions Grasset et Fasquelle, 1978.

² A coleção do *Museu Nacional de Belas Artes* foi iniciada cerca de 100 anos antes a partir de exposições criadas pela Academia Imperial de Belas Artes.

IBRAM, *Mapa dos Museus*. Disponível em <http://museus.cultura.gov.br/busca> (acessado em 23/10/2017).

SCHNEIDER, Pierre. *Les dialogues du Louvre*. Editora A. Biro, 1991.

VALERY, Paul. O Problema dos museus. (Tradução de Sônia Salzstein). In: *ARS (São Paulo)*. São Paulo, v. 6, n. 12, p. 31-34, Dec. 2008.